



Conversando semioses: uma breve narrativa visual da trama histórica das mulheres.

Tainara Oliveira¹

Esta edição da Revista Partilhas, tem como tema “MULHERIDADES”, partindo desse universo feminino e suas tantas nuances, minha missão foi elaborar e transmitir um pouco dessa ideia, através de uma imagem para a capa desta edição. Dada a vastidão do tema, optei pelos aspectos históricos, sociais e culturais, bem como, a questão do fazer, das ações, ou seja, do trabalho realizado pelas mulheres ao longo da história dos seres humanos, e que, graças a isso, hoje, nós, mulheres, podemos estar aqui, escrevendo e realizando nossos trabalhos em Filosofia Clínica.

Inicialmente, planejei usar linha de costura na imagem da capa, pois além de dar contraste visual à composição estética, soma-se uma crítica subjetiva, da união ponto por ponto, - o conectivo do fio histórico, representado pela linha. E busquei remeter à ideia de construção por retalhos, para fazer alusão às tarefas historicamente atribuídas às mulheres, como as responsáveis pelas vestimentas dos familiares (em muitos contextos). A costura, assim como o artesanato, foram trabalhos atribuídos às mulheres, trabalhos estes, às vezes considerados socialmente "menores" em relação aos trabalhos atribuídos aos homens. Na minha opinião, muito pelo contrário, há uma grandeza no trabalho “tipicamente feminino”, que se expressa em cuidado e amorosidade.

As aquarelas nas quais trabalhei, pretendem narrar um pouco dessa trajetória histórica das mulheres, - já que trabalhamos com Historicidade em Filosofia Clínica.

Para compor a narrativa da imagem, além de formas e cores que, cuidadosamente planejei nas pinturas, utilizei como fundamentação histórica, estudos de obras de grandes pintores, que, embora as obras que escolhi, talvez não estejam tratando específica e unicamente das mulheres, nos auxiliam no entendimento das Bases Categorias de épocas passadas, ou seja, a contextualização da narrativa histórica.

¹ Filósofa clínica, aquarelista, Florianópolis, SC – tainara@terapiafilosofica.com

Foi gratificante participar da concepção da capa desta edição da Revista Partilhas, pois me possibilitou um passeio visual e um aprofundamento nas pinturas que selecionei de seis pintores em um breve recorte da história da Arte, embora a datação das obras selecionadas não esteja seguindo a ordem cronológica, fiz essa curadoria buscando exemplificar contextos que avalio como relevantes para a nossa temática em questão: as mulheres.

Começando com um esboço em grafite que fiz da *Árvore Cinza* (1911), de Piet Mondrian e mais dois estudos derivativos em aquarela, fazendo alusão às questões da ancestralidade (árvore), da semelhança (espelho) entre raízes e galhos, também as ramificações (complexidades), e a ideia de crescimento existencial para além da questão biológica (gênero) – a exemplo da planta presente na composição da foto.



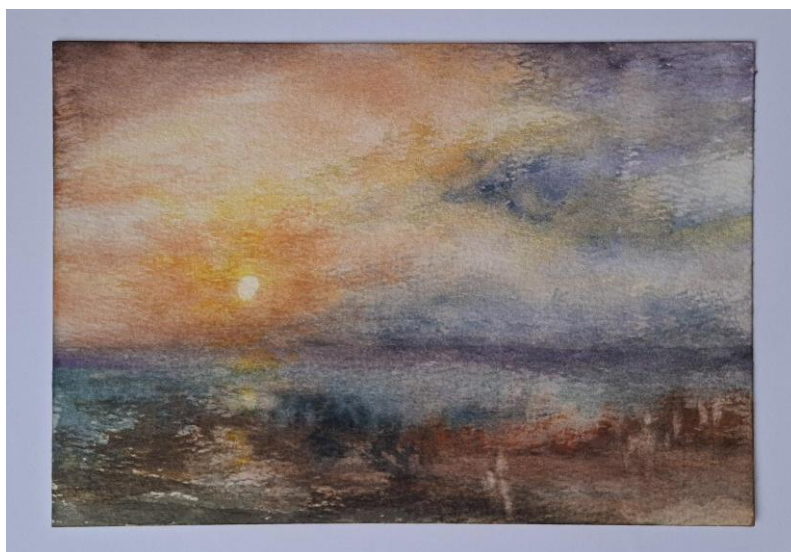
Partimos desse emaranhado complexo dos galhos de árvore, e começamos a lidar com as dificuldades todas dos contextos sociais, os impedimentos ao longo da história das mulheres, representados pelo andar atravancado e lento presente na versão que pintei em tons pastéis e preto da pintura *A Carroça de Feno* (1821), de John Constable.

Em seguida, passamos pelo trabalho difícil e incansável das mulheres ao longo da história, temos como ilustração uma aquarela de nuvens carregadas, mostrando o “clima” difícil que as mulheres da época viviam, a obra original é de Jean-François Millet, chama-

se *As Respiadoras* (1857), e também aborda as dificuldades e o relegar-se às “sobras”, mas não às sombras, pois tudo acontecia bem à luz do dia, aos olhos de todos.



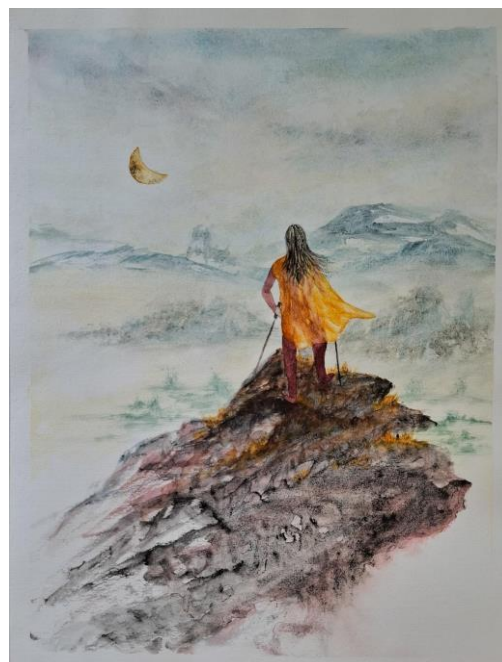
Na sequência disso, depois de muito trabalho e da luta de muitas mulheres, temos uma aquarela desfazendo o horizonte tempestuoso e trazendo a luz, inspirada em uma pintura de William Turner, chamada *Manhã depois da tempestade* (1840-45).



E finalmente chegamos a uma pintura que mostra o ir além, o avanço social que foi sendo conquistado por algumas mulheres, a pintura se chama *Vista distante do Monte Fujiyama, Japão (1876)*, e foi pintada pela artista botânica inglesa Marianne North. Em seu trabalho, como naturalista e artista, ela viajou pelo mundo, e esteve inclusive no Brasil, pintando a flora e a fauna de países distantes.



Boas notícias começavam a chegar nessa etapa da história das mulheres, tais como cartões postais de terras distantes, já tínhamos flores, mas a caminhada continuava, muitas vezes, por caminhos íngremes e rochosos, como inspiração para esse ponto, escolhi uma obra de Caspar David Friedrich, chamada *Caminhante sobre o mar de névoa (1818)*, na aquarela, substitui a figura rígida da pintura original, por a de uma mulher com cabelos e roupas esvoaçantes, mostrando os aspectos de fluidez e leveza, a delicadeza ao observarmos um horizonte que ainda tem muitas dificuldades ocultas pela “névoa” dos tempos atuais; muito já se conquistou, mas o trabalho das mulheres ainda continua, como mostra a lua crescendo ao fundo do horizonte, como um lembrete de que há ainda muitos ciclos de crescimento.



Esses ciclos da trajetória das mulheres, se conectam por fios, como a trama dos galhos da nossa árvore lá do início, um emaranhado de elementos atávicos que, por vezes, podem alcançar algumas de nós, ou sob alguns aspectos ou outros; a esses ecos invisíveis, representei por linhas de crochê, como uma homenagem ao Artesanato – produzido na grande maioria por mulheres, – o ato de criar algo belo com os nós dos fios que a vida nos dá.

Às mulheres, todo o carinho que lhes é merecido ao longo da história!

